



Em sentido horário, a partir do alto, à esquerda: o cofeador tem telas de Svetle Bjarne e destaca-se pela luz negra; as paredes de um dos banheiros foram cobertas por pinheiradas da artista Vicky Barranguet; em outro cofeador do hotel, mais obras de Vicky e o restaurante Vikissimo conta com vista privilegiada para o famoso logotipo

QUEM É QUE COMPRA UM HOTEL NO CORAÇÃO DE MILÃO (o extinto Townhouse Galleria) e gasta milhões de euros reformando-o e abarrotando-o de arte, desde pinturas *site-specific* nos banheiros a uma réplica de *O Pensador*, de Auguste Rodin, no lobby? A resposta é o casal de colecionadores Alexander e Carrie Vik, donos de uma fortuna monumental e para quem nada é impossível. Completamente transformado, o hotel, rebatizado de Vik Milano, abriu mês passado em plena Galleria Vittorio Emanuele II, um dos maiores pontos turísticos milaneses, por onde passam cerca de 29 milhões de pessoas por ano. Com 89 apartamentos – cada qual decorado de maneira diferente –, e uma infinidade de obras de arte espalhadas por todos os espaços, é o mais ambicioso projeto da dupla, proprietários também dos igualmente *arty* hotéis Vik (três no Uruguai e dois no Chile).

O norueguês Alex e a americana Carrie se conheceram em Harvard, onde se formaram. Exímio golfista e esquiador, e investidor agressivo, ele ficou riquíssimo criando fundos de tecnologia e empresas de seguros. Desde os primeiros anos do casamento, quando viviam em uma mansão em Greenwich, no estado de Connecticut (e que pertencera antes à família Rockefeller), compartilham a mesma paixão por design e arquitetura de impacto e arte. “A gente foi evoluindo e desenvolvendo nosso gosto junto. Lembro que tentamos contratar um designer de interiores uma vez e foi um desastre”, diz ela. “Eu falei ao Alex: ‘Esquece! Não podemos trabalhar com pessoas porque temos opiniões fortes demais.’”

Por isso, ela mesma decorou as diferentes casas deles pelo mundo (a residência oficial fica em Mônaco, onde passam metade do ano, mas têm ainda um apartamento em Manhattan e residências de campo). E assim pegou gosto pela brincadeira. Em 2008, abriram o primeiro hotel, Estância Vik, em José Ignacio, no Uruguai (país natal da mãe dele), e, a partir daí, cada novo empreendimento é inteiramente pensado pelo casal e executado por Carrie, com a ajuda de um time de arquitetos e designers que trabalham sob sua direção. “Para fazer os quartos do Vik Milano, segui meu processo criativo de sempre: coletei 80 mil amostras de tecidos e espalhei na sala de casa, e a partir daí escolhi as paletas de cor”, conta. “Em Milão são 89 quartos, portanto, eu queria 89 cores. Posso até ter dez quartos azuis, mas nenhum azul é igual ao outro, do mesmo modo que nenhum móvel é igual ao outro.” O mobiliário, quase todo comprado em leilões mundo afora, é mais do que eclético: vai de um jogo de sofá e poltronas

felpudos da série Bolotas, dos Irmãos Campana, a bufe e cômodas demogno dos anos 1930 e 1940.

Não são só móveis e cores que mudam de uma suíte para a outra, mas até o estilo da arte. Cada unidade é como uma minigaleria dedicada a um artista, em sua maioria italiano, como Anna Muzi, Elena Monzo e Marra Mez. Em muitos casos são telas, mas em tantos outros a arte extravasa e cobre paredes, móveis e até azulejos do banheiro. “Vários artistas uruguaios vieram passar um tempo aqui para criar obras *site-specific*”, empolga-se Carrie. Vicky Barranguet, por exemplo, pintou sobre 1,5 mil rolos de tela que recobrem mais de 300 m de paredes de um dos corredores e também de parte da escadaria. Outro que passou meses pintando *in loco* foi o italiano Alex Folla, cujas figuras mitológicas amedrontadoras cobrem cada centímetro de paredes e teto do lobby. Se esta obra é a mais visível, os hóspedes podem passar horas explorando os corredores dos quatro andares como se estivessem em um museu: é arte que não acaba mais! No principal dos três restaurantes, o Vikissimo, no mezanino, há outra infinidade de trabalhos, mas o que rouba o show é a vista impressionante para o famoso Ottagono ponti-

Não são só móveis e cores que mudam de uma suíte para a outra, mas até o estilo da arte

lhado de turistas e ponto central da Galleria, que foi construída entre 1865 e 1877 com ferro e vidro, e cuja majestosa cúpula tem 39 m de diâmetro.

“Nada como acordar e avistar da sua cama a fachada da Gucci ou da Louis Vuitton”, diz Emanuel da Silva, o argentino que há sete anos dirige as propriedades da família Vik. Certas suítes têm portas-balcão abertas para a Galleria, que irradiam a mesma luminosidade dourada de suas fachadas em seus pisos de mosaico. “Fazia anos que queríamos fazer um hotel urbano, mas tinha de ser a propriedade perfeita no lugar perfeito”, diz Carrie. “Demorou, mas achamos, nesse edifício lindo e histórico que representa, de certo modo, o reinado da Itália.” Para ela, Milão vive hoje sua melhor fase – e o hotel é uma carta de amor dela e de Alex à cidade. “Queremos que as pessoas durmam cada vez em um quarto, e saiam dessa experiência tocados pela arte e pelo design, diz. “A gente não entrou na hotelaria para ganhar dinheiro, mas, sim, por paixão. Cada espaço do Vik Milano é a soma da nossa criatividade e da criatividade do artista – é isso que nos estimula e inspira.” ♦